

Life Berlengas: um exemplo de conservação e restauro de um ecossistema insular



Com o intuito de combater a proliferação de espécies invasoras e potenciar o crescimento das espécies naturais da ilha, o projeto Life Berlengas vai iniciar este mês o controlo das populações de mamíferos invasores, o rato-preto e o coelho. Estas espécies são consideradas pela União Internacional de Conservação da Natureza (UICN) como duas das 100 espécies invasoras mais prejudiciais do mundo. Este é capítulo decisivo para a recuperação do ecossistema da ilha da Berlenga, num esforço pioneiro e marcante na história da conservação de Áreas Protegidas em Portugal Continental.

A recuperação dos habitats da ilha da Berlenga é um dos principais objetivos que o projeto Life Berlengas procura alcançar, tentando aproximar este ecossistema das condições que ali existiam antes da presença humana. Neste tipo de habitats, naturalmente isolados pela geografia durante milhares de anos, a evolução das espécies fez-se de forma muito particular: as ilhas são, hoje em dia, autênticos polos de biodiversidade, com espécies únicas que não podem ser encontradas noutros locais do mundo (espécies endémicas), e com espécies nativas que são particularmente suscetíveis à presença de espécies exóticas invasoras.

E o arquipélago das Berlengas não é exceção. A Reserva Natural das Berlengas, que comemorou recentemente o seu 35º aniversário, foi classificada com base nos seus valores naturais, incluindo importantes colónias de aves marinhas, uma subespécie endémica de réptil e três plantas endémicas. Foi ainda reconhecida pela UNESCO em 2011, integrando atualmente a rede mundial de Reservas da Biosfera.

A presença de Espécies Exóticas Invasoras é uma das principais causas de extinção animal e é globalmente considerada como a segunda maior ameaça à biodiversidade, a seguir à fragmentação e perda de habitat. Nesse sentido, as orientações da UICN são claras: “a remoção de espécies exóticas invasoras, novas ou já existentes, é preferível e mais efetiva economicamente a longo prazo, do que o controlo populacional pontual. Onde relevante, deverão ser procurados benefícios significativos para a diversidade biológica através da remoção de espécies de mamíferos predadores de ilhas e de outras áreas isoladas que tenham espécies nativas importantes”. Estas orientações estão de acordo com a legislação nacional e com as políticas de conservação da natureza adotadas pelo estado português.

Esta ação só é possível agora, depois da equipa do projeto Life Berlengas ter promovido, nos últimos 2 anos, o estudo e a caracterização de ambas as populações de mamíferos presentes na ilha, de modo a ter informação base para a definição de um plano operacional com vista à sua remoção, avaliando as metodologias mais eficazes e com um menor impacto no ecossistema. Estes estudos permitiram ainda verificar que, ao nível genético, a população de rato-preto da ilha da Berlenga não apresenta qualquer divergência quando comparada com outras populações e que, em termos evolutivos, o padrão genético observado neste contexto geográfico é consistente com um fenómeno de colonização recente, mediado pelo Homem. No caso do coelho, foi possível detetar sequências genéticas reveladoras de descendência de coelho doméstico (a maioria) e de coelho-bravo.

Para mais informações contactar:

Joana Andrade

Coordenadora do Departamento de
Conservação Marinha
Tel.: 966475068
E-mail joana.andrade@spea.pt

Luis Costa

Diretor Executivo
Tel.: 916921419

Uma ação semelhante e já com resultados visíveis decorreu nas Ilhas Scilly, no Reino Unido. Após a remoção da ratazana-preta das ilhas de St Agnes e de Gugh em 2013, o alma-de-mestre, uma pequena ave marinha que estava em declínio desde os anos 1980, voltou a nidificar com sucesso nas ilhas. Para além disso, verificou-se a recuperação não só de outras espécies de aves marinhas nidificantes, como de espécies marinhas subaquáticas. [1]

De acordo com Joana Andrade, coordenadora do Life Berlengas, “hoje é dado mais um importante passo para a recuperação do ecossistema natural da ilha da Berlenga. Há 2 anos atrás, iniciámos a remoção faseada do chorão, uma planta exótica invasora que cobre extensas áreas da ilha não permitindo o crescimento de plantas nativas, e cujos resultados começam a ser bem evidentes com o aparecimento de plantas nativas nas áreas agora desprovidas de chorão. Nesta nova fase do projeto, no seguimento dos estudos realizados e de acordo com as orientações de gestão e conservação da natureza nacionais e internacionais, estamos confiantes que a remoção dos mamíferos da ilha da Berlenga, será um marco decisivo para a recuperação da fauna e flora nativas do arquipélago”. Revela ainda que “a equipa está motivada para fazer história e contribuir para a renaturalização do ecossistema da Berlenga, ao mesmo tempo que se encontra entusiasmada com o forte apoio e contributos recebidos pela comunidade científica e conservacionista a nível nacional e internacional”.

Ao longo dos últimos 2 anos do projeto Life Berlengas, mais de uma centena de voluntários e técnicos têm dedicado os seus esforços ao trabalho no terreno e desenvolvido diversas ações de conservação: caracterizando a vegetação, removendo o chorão e promovendo a sementeira de plantas nativas; testando técnicas de controlo da população de gaivota-de-patas-amarelas; construindo ninhos artificiais, acompanhando o sucesso reprodutor das aves marinhas nidificantes e colocando dispositivos de seguimento individual nessas aves para saber onde se alimentam; monitorizando as capturas acidentais em artes de pesca e, juntamente com os pescadores, testando medidas para mitigar os impactos desta atividade; promovendo a divulgação de informação acerca do património natural das Berlengas a quem visita a ilha e conhecendo melhor o perfil desses visitantes.

O Life Berlengas é um projeto coordenado pela SPEA, em parceria com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), a Câmara Municipal de Peniche, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo ainda a Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (Peniche) do Instituto Politécnico de Leiria como observador.

O projeto, que teve início a 1 de junho de 2014, será implementado até 30 de setembro de 2018 e tem um investimento total orçamentado em cerca de 1,4 milhões de euros, entre os quais um financiamento do Programa LIFE+ da União Europeia de 50% e um forte investimento dos parceiros do projeto dos restantes 50%.

Para mais informações contactar:

Joana Andrade

Coordenadora do Departamento de
Conservação Marinha
Tel.: 966475068
E-mail joana.andrade@spea.pt

Luis Costa

Diretor Executivo
Tel.: 916921419

Para mais informações sobre o projeto visite www.berlengas.eu

NOTAS:

SPEA – A Sociedade Portuguesa para o estudo das Aves é uma Organização Não Governamental de Ambiente que trabalha para a conservação das aves e dos seus habitats em Portugal. A SPEA faz parte da BirdLife International, uma aliança de organizações de conservação da natureza em mais de 100 países, considerada uma das autoridades mundiais no estudo das aves, dos seus habitats e nos problemas que os afetam | www.spea.pt

[1] Saber mais em:

http://www.rarebirdalert.co.uk/v2/content/Storm_Petrels_returning_to_Scilllys_islands_following_rat_removal.aspx?s_id=445868263

Parceiros:



Cofinanciamento:



LIFE13/NAT/PT/000458

Contribuição financeira do programa LIFE da União Europeia

Para mais informações contactar:

Joana Andrade

Coordenadora do Departamento de
Conservação Marinha

Tel.: 966475068

E-mail joana.andrade@spea.pt

Luis Costa

Diretor Executivo

Tel.: 916921419